

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### ESPIRITISMO E MEIO AMBIENTE: O DISCURSO AMBIENTALISTA ESPÍRITA E SUAS IMPLICAÇÕES

André Eugênio da Silva<sup>1</sup>

#### 1 INTRODUÇÃO

Com o desenfreado avanço do capitalismo e sua globalização nos últimos 150 anos, a utilização cada vez mais intensa da tecnologia e a aceleração no ritmo de vida, bem como a aceleração da própria degradação da natureza, diversas questões relacionadas aos impactos ambientais, à necessidade de estudos desses impactos e da preservação ambiental foram levantadas, dando origem aos mais variados discursos sobre o assunto. Entre estes variados discursos estão os discursos religiosos que, como parte da sociedade, não podem se furtar a tratar de temas relacionados aos problemas que afetam essa mesma sociedade na qual estão inseridos, entre eles, os problemas ambientais e o tema ecologia.

Para identificar o início e o desenvolvimento da construção do discurso ecológico espírita, verificamos a forma como ele foi inserido na visão dessa religião, sua proximidade com outros discursos ecológicos e a tentativa de que esse discurso seja não apenas religioso, mas também científico, uma vez que o Espiritismo e os seus adeptos reconhecem em suas práticas valores religiosos, filosóficos e científicos.

Por este motivo, a presente pesquisa justifica a sua importância ao se debruçar sobre as expressões religiosas do Espiritismo, para lançar luz sobre a construção de um discurso. Através de uma análise da construção desse discurso ecológico religioso, bem como os seus possíveis impactos, primeiro para os adeptos da doutrina e posteriormente para a sociedade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudeste – sede: Morrinhos Brasil, [andrewgenio@gmail.com](mailto:andrewgenio@gmail.com)

## 2. O DEBATE ECOLÓGICO NO MUNDO: NOVOS PARADIGMAS<sup>2</sup> PARA UMA NOVA CRISE

As discussões a respeito do impacto das ações humanas no maior ambiente não são novas, Pádua (2010) afirma que as primeiras produções a respeito dos problemas ambientais datam do final do século XVIII, mas que somente na década de 1970 alcançou um *status* significativo na sociedade. Ainda segundo o autor, isso se deu por causa da globalização e o crescimento das produções científicas em todo o mundo.

Para entendermos o crescente embate de discursos ecológicos que inundam os meios de comunicação, as reuniões de agências reguladoras e especializadas em climatologia e outras áreas, faz-se necessário realizarmos um breve histórico dos discursos ambientalistas.

Essa preocupação é recente e ganha mais força, quanto mais são comprovados na realidade cotidiana aquilo que os estudos científicos do início da década de 1960 apontavam como possíveis impactos futuros causados pela exploração indiscriminada dos recursos naturais.

Para Drummond (2006), o discurso ambientalista surgiu muito antes do Relatório denominado *Nosso futuro comum* (1987), também conhecido como Relatório de Brundtland, documento escrito pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), através dos estudos de cientistas denominados como cientistas naturais, ou seja, os que estão ligados ao ramo de pesquisa das ciências naturais.

Posteriormente, os cientistas sociais, ligados às ciências sociais, com o conhecimento desses estudos passaram a desenvolver seus discursos que dariam origem ao conceito de desenvolvimento sustentável que até hoje é discutido por especialistas das mais diversas áreas.

Então, as questões ambientais amplamente divulgadas e debatidas, foram reunidas às questões sociais, para posteriormente dar corpo ao discurso socioambiental atual.

Em 1962, Rachel Carson publicou a obra que causaria um enorme impacto na comunidade científica e serviria como base para alguns dos discursos ambientalistas

---

<sup>2</sup> O termo paradigma aqui é utilizado em seu significado restrito, ou seja, modelo, padrão. Novos modelos ou padrões de desenvolvimento para uma nova crise.

modernos. Seu livro, com o título original *Silent Spring*, Primavera Silenciosa em português. Para Carson (1962) a vida das vegetações e dos animais eram determinadas pelo próprio meio ambiente em que esses animais e plantas nasciam, assim, o meio determinava o ritmo e o modo de vida dos seres que ali habitavam. Com raras exceções ocorria o inverso.

A obra de Carson denunciava toda uma cadeia de destruição que havia formado um ciclo de morte com o uso dos atualmente chamados defensivos agrícolas e assim enfrentava as grandes corporações industriais da época, produtoras de pesticidas e os agricultores.

Assim, em 1983, com a aprovação da Organização das Nações Unidas (ONU), criou-se a CMMAD, a qual seria responsável pelas deliberações a respeito dos estudos publicados sobre as questões ambientais até aquele momento, juntamente com outros órgãos criados com o objetivo de encontrar soluções para as questões levantadas. Para Santos (2017), o poder agregador do conceito de sustentabilidade passa a dominar as agendas ecológicas, aponta a Eco 92, também conhecida como Rio 92 ou Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (CNUMAD), como uma tentativa de promover o desenvolvimento sustentável em escala planetária.

## **2.1 Classificação dos grupos**

As classificações dos grupos ambientalistas na literatura científica sobre o tema são feitas de acordo com os conceitos e posicionamentos de cada grupo frente ao meio ambiente.

Diante disso, Santos (2017) aponta que a maior parte dessa classificação é norteadada pelas questões sociais e ideológicas, presentes ou não nas pautas levantadas por cada grupo. Ao falar sobre a formação das identidades dos movimentos ambientalistas no Brasil e os caminhos trilhados por cada um deles, Alonso, Costa e Maciel (2007), não só demonstram a importância do contexto político e social no qual estão inseridos cada grupo, mas também que as ações coletivas dependem das habilidades dos ativistas de construir uma interpretação consistente do momento em que vivem e do ambiente que os cerca e definem dois grandes grupos, os conservacionistas e o de ecologia política.

Segundo esses autores, o primeiro grupo considera apenas a natureza em seu estado selvagem, deixando de fora as questões políticas, defende a criação de reservas, parques ecológicos e um tom cientificista que não trata das questões sociais. O segundo grupo é considerado socioambientalista, enfatiza as questões de todo o processo entre o social e o natural, traz a discussão para o embate no meio político, busca agregar à luta pela preservação, também os meandros que levem a um planejamento para políticas públicas sociais.

Para Zhouri (2006) há uma enorme dificuldade em classificar esses grupos, contudo, utiliza uma análise antropológica, as relações pessoais e sociais dos ativistas para identificar o tipo de tendência, chegando a três tipos principais: árvores, gente e árvores & gente. Segundo a autora as palavras que classificam os grupos são utilizadas metaforicamente, para identificar o que está em primeiro plano em cada um dos grupos, o que daria a cada um deles um norte em seus discursos.

Assim, para Zhouri (2006), é a relação e o discurso utilizado por cada grupo que caracteriza a sua atividade em relação ao meio ambiente, os grupos supracitados, por exemplo, estão classificados dentro da tendência “árvores”, outras instituições com um discurso mais voltado para a ética e política como os grupos <sup>3</sup>*Gaia Foundation*, *Reforeste the Earth* e *World Rainforest Movement* estão dentro da terceira classificação, “árvores & gente.”

Santos (2017), após uma longa pesquisa sobre os tipos de classificações dos grupos ambientalistas, separa os movimentos em três grupos básicos, seguindo uma conceituação que leva em consideração a relação das questões ambientais e a presença ou não do discurso religioso/espiritual nesse engajamento ambientalista. Assim, ele denominou-os como: esotérico, racionalista e moralista. Sendo este último subdividido em dois grupos: intramundano e extramundano.

De acordo com Santos (2007) o primeiro grupo assume que todos os problemas ambientais têm origem em desequilíbrios místicos, ou seja, em energias negativas que surgiram através da falha de comunicação entre homem e a natureza, causando uma

---

<sup>3</sup> A *Gaia Foundation* é uma organização de caridade registrada no Reino Unido que promove o desenvolvimento ecologicamente sustentável. A *Reforest World*, é um movimento que conta com os mais variados grupos que lutam pelo reflorestamento do planeta. A organização *World Rainforest Movement*, traduzido livremente como Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, é uma iniciativa internacional criada para fortalecer o movimento global em defesa das florestas, a fim de combater o desmatamento e a degradação florestal. Foi fundada em 1986 por ativistas de todo o mundo.

desarmonia. A terra, nessa vertente, é um ente vivo, não uma propriedade a ser explorada infinitamente, nem um presente do qual a humanidade deve depósito ao criador, mas um ser vivo que sofre e precisa ser socorrido

O segundo grupo, denominado por Santos (2017) como racionalista, não admite uma visão que não seja a material, todos os problemas e mesmo as soluções para os mesmos problemas são de ordem material, excluindo-se aqui, qualquer conceito moral ou espiritual. Esse discurso antropocêntrico é um dos pilares para a ideia de desenvolvimento sustentável, ou seja, a exploração deve continuar, mas dentro de um nível de segurança para a humanidade e o progresso da sociedade.

Por último Santos (2007), afirma que o terceiro grupo, o moralista, trata da natureza como algo que possui dignidade. O autor, nos esclarece que o ambientalismo moralista intramundano, traz uma visão biocêntrica, enquanto o ambientalismo moralista extramundano, traz uma visão teocêntrica. No primeiro, o ser humano não é mais importante que as outras vidas presentes no planeta, é só mais um tipo de vida dentro da grande massa biológica que é a Terra, no segundo, o ser humano é distinto das demais vidas, é superior e recebeu de seu criador a terra como uma espécie de herança que deve ser zelada.

Ambas se distinguem do primeiro grupo, ambientalismo esotérico, que traz uma visão cosmocêntrica em que a terra também é um ser vivo e inteligente, dotado de forças ocultas. Assim, as três vertentes fazem frente ao ambientalismo racionalista e se opõem ao antropocentrismo deste último.

Por fim, faz-se necessário dizermos que as classificações presentes neste texto não são consideradas como modelos referência que não possam ser questionados ou modificados, uma vez que são utilizadas apenas para que possamos delimitar e, através dessa delimitação, conseguirmos fazer as comparações de análise necessárias para esta pesquisa.

### **3 A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO AMBIENTALISTA ESPÍRITA**

O Espiritismo idealizado pelo estudioso e pedagogo Hipolyte Léon Denizard Rivail, que mais tarde passou a utilizar o pseudônimo Allan Kardec que daria nome ao que alguns chamam de Kardecismo ou Espiritismo Kardecista. As obras espíritas codificadas por Allan Kardec trataram dos mais variados assuntos e incitaram

inúmeros debates a respeito da origem da humanidade, sua passagem pela Terra e o seu destino. Buscou de maneira ampla e objetiva, segundo a perspectiva espírita, demonstrar a imortalidade da alma e o seu processo de evolução através da encarnação. Trouxe para sua esteira investigativa não apenas as questões relacionadas ao espírito humano, mas uma série de questões morais que o acompanham, o impacto do comportamento humano na sua própria evolução ou atraso, no ambiente em que vive e sua relação com a natureza e o próprio planeta Terra.

Ao analisarmos o Espiritismo, identificamos que, dentre tantos assuntos abordados, ele abordou a questão da natureza em diferentes aspectos, desde o seu funcionamento, a questão das diferentes espécies e também as questões sobre a exploração que o ser humano fazia dela. Ao considerarmos que o Espiritismo surgiu no mesmo século em que ocorreu a expansão dos avanços da Revolução Industrial, percebemos que as preocupações iniciais daqueles que questionavam os espíritos estavam relacionadas com as preocupações cotidianas de seu tempo. Embora muitas questões ligadas à natureza estivessem presentes nas obras consideradas como marcos fundamentais do Espiritismo e em outras obras psicografadas por médiuns como Francisco Cândido Xavier, Divaldo Franco, entre outros, não existia no meio espírita um debate aprofundado a respeito das questões ambientais.

Ainda que não seja possível dizer claramente quando o meio espírita deu início ao discurso mais ambientalista, uma vez que as casas espíritas são independentes no que diz respeito à organização de seus trabalhos, como explicado anteriormente, utilizaremos como marco para a criação do discurso espírita, os discursos que têm como objetivo tratar do assunto ambiental de maneira mais ampla, ou seja, na esfera ambiental, na esfera socioeconômica e na esfera moral como produções específicas inteiramente voltadas para esse tema.

Baseado nos pré-requisitos mencionados usaremos como marco inicial da criação do discurso ambientalista espírita, os primeiros anos do século XXI, quando alguns encontros e simpósios trouxeram como tema as ideias entre a relação do Espiritismo e o Meio Ambiente. O primeiro *deles é o VII Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita*, realizado em Cajamar-SP, em outubro de 2001, onde Carlos Orlando Villarraga deu início à difusão desse tema com a palestra: *Educação espírita e o desenvolvimento sustentável*.

Desde então, outros autores espíritas como André Trigueiro Mendes, Izabel Gurgel, João Demétrio Loricchio passaram a se debruçar sobre o assunto e a espalhar, nos Centros Espíritas do país, a importância da sensibilização para os problemas ambientais e da urgência de mudança, não apenas no comportamento individual do espírita, mas também das casas espíritas, com o objetivo de que suas ações se tornem sustentáveis e colaborem para o meio ambiente.

O discurso ambientalista espírita tem como base a ideia de que tudo o que existe é interdependente e se afeta mutuamente, não numa cosmovisão esotérica em que tudo é um e o um é o todo, mas na visão evolutiva de que, cada item da criação está relacionado em uma cadeia evolutiva em que, dentro de sua classe, colabora para a evolução da classe que está ligada à sua, seja anterior ou posterior. Devemos lembrar que o Espiritismo é uma doutrina pautada na ideia de reencarnação/evolução espiritual. Logo, todo o discurso presente nas obras básicas, sendo um discurso primário/base, é reforçado em outras obras que trabalham a visão evolucionista espírita.

Por ser pautado nesses ideais, é possível afirmar que o Espiritismo cria seu discurso ambientalista de maneira a atender não somente a conformidade discursiva de suas obras base, mas também a conformidade discursiva com outras correntes ambientalistas fundadas na *Ecologia Profunda* desenvolvida por Arne Naes<sup>4</sup> e na *Hipótese de Gaia*, formulada por James Lovelock<sup>5</sup>, e em conformidade com discursos de outras religiões como o discurso da Igreja Católica no que diz respeito à moral e comportamento cristão diante da natureza e a visão Budista a respeito da natureza e sua unicidade.

Contudo, o Espiritismo não trata a natureza como sendo ela mesma um tipo de divindade ou revestida de entidades divinas, como ocorre em alguns seguimentos, nesse sentido, mantém a visão cristã de que todas as coisas são criaturas de Deus. Concluimos que o Espiritismo cria seu discurso ambientalista com vistas a atender uma

---

<sup>4</sup> Arne Dekke Eide Næss (Slemdal, 27 de janeiro de 1912 – Oslo, 12 de janeiro de 2009) foi um filósofo e ecologista norueguês, famoso por ter cunhado o termo ecologia profunda. Foi um importante intelectual e uma figura inspiradora para o movimento ambientalista do fim do século XX.

<sup>5</sup> James Ephraim Lovelock (Hertfordshire, 26 de julho de 1919) é um pesquisador independente e ambientalista que vive na Cornualha (oeste da Inglaterra). A popular hipótese de Gaia foi articulada por Lovelock com a colaboração de Lynn Margulis, para explicar o comportamento sistêmico do planeta Terra.

demanda que estava abandonada no meio espírita e passa a integrar o que é chamado de ecoespiritualidade.

Para Silveira (2019) os discursos ecoespiritualistas dentro de suas variedades religiosas ocorrem por causa do compartilhamento de um mesmo espírito crítico diante do progresso e a destruição ambiental impactante que é resultado dele, ao mesmo tempo em que contestam o automatismo das relações sociais e desejam uma vida autêntica. Além disso o considera como um fenômeno religioso da contemporaneidade.

As religiões têm em seu bojo moral e cosmogônico visões que se relacionam porque têm em comum, como ponto central de seus discursos, a vida. Segundo Maçaneiro (2011) para que possamos rever nosso lugar no planeta Terra em uma tentativa de nos educarmos para o cuidado ecológico, as religiões se tornam indispensáveis por trazerem saberes essenciais para uma construção cooperativa dos saberes de maneira interdisciplinar, internacional e inter-religiosa para o bem comum da humanidade e do planeta. A cosmovisão espírita, ao valorizar a vida em todos os seus aspectos, inclusive a evolução nos seres não vivos, como os minerais, tem uma visão ampla e profunda dessa interdependência.

Logo, para os espíritas, a humanidade é apenas uma classe de seres, entre as mais variadas classe existentes, pois: “Como grupo social e individualmente, nós encarnados atualmente e vivendo no planeta Terra, temos a responsabilidade de cuidar do nosso corpo físico, de nosso espírito e da morada física que nos brinda para a realização de nossas tarefas [...]” (Villarraga, 2004, p. 10).

O mesmo discurso se encontra em Trigueiro (2010) quando afirma que, se tudo é formado de um único elemento e modificado infinitamente, e que, ao tomar consciência disso, a humanidade poderá compreender essa realidade e mudar sua postura diante da natureza e de todos os seres vivos existentes no planeta, esforçar-se por tornar-se um colaborador do meio ambiente e da jornada evolutiva dos seres terrenos. Para o Espiritismo a causa de todas as crises está centrada na humanidade, pois é ela quem, através do uso da razão e do livre arbítrio, decide os rumos de tudo.

Essa primeira abordagem espírita nos aponta que o discurso ambientalista desse grupo, de acordo com o que nos apresenta Santos (2017), se enquadra no ambientalismo moral intramundano em que, sendo o ser humano apenas mais um ente



que vive no planeta e, sendo ele o único dotado da razão, cabe a ele trata-la com respeito, zelo e dedicação.

A partir dessa constatação, há de se perceber que todo discurso ambientalista espírita se desenrolará em uma constante revisitação dos discursos da doutrina para uma reafirmação da dialógica religiosa/científica espírita. Essa revisitação é fundamental, uma vez que há a necessidade de se validar o discurso ecológico dentro do manancial de ideias espiritualistas do ponto de vista espírita.

É comum para os discursos ambientalistas apontar como principal causador de destruição massiva da natureza o sistema econômico pautado na exploração máxima para a geração de riquezas. Villarraga (2001) comunga desta mesma opinião e aponta como geradores de aumento do consumo de bens e serviços dois fatores: o crescimento da população e o aumento do poder de compra de parte dessa população. Afirma que para atender a essa demanda a economia mundial decidiu por pautar o modelo econômico em um crescimento linear e infinito sem considerar que os recursos naturais são finitos. Apresenta o modelo econômico da seguinte maneira:



Figura 1 – Modelo econômico linear (VILLARRAGA, 2013, p. 24)

De acordo com a apresentação de Villarraga (2001) em todas as etapas do modelo econômico atual há uma enorme geração de resíduos que são devolvidos ao ambiente natural sem o tratamento adequado gerando enormes prejuízos aos meios ambientes. Segundo ele, o aumento do consumismo reforça o modelo econômico atual, pois pauta a ideia de bem-estar em um consumo maior de bens e serviços, tem como base uma satisfação de ganho rápido que favorece ainda mais o abismo social entre os ricos e pobres, acelera a degradação ambiental e alavanca a miséria. Portanto, deve-se combater o materialismo que tem como fruto ideológico o consumismo.

É importante diferenciar o consumo do consumismo, enquanto o consumo é algo necessário e natural para manter a vida – todos os seres vivos consomem de alguma maneira, o consumismo, como explicita Giacomini Filho (2010), é uma extravagância quantitativa, pois excede em muito aquilo que é o necessário para a

subsistência, cria uma necessidade irreal que reflete na qualidade espúria do consumo, uma vez que mesmo o proveito desse excesso tem caráter questionável.

Isso vai de encontro com a definição dada por Villarraga (2013) que diz que o consumo é a aquisição daquilo que se faz necessário para o atendimento das necessidades básicas enquanto o consumismo é o que consumimos para além do básico, muitas vezes para suprir uma necessidade emocional. Portanto, o consumismo é uma distorção do consumo, que tem seu caráter econômico e social legítimo, para atender uma necessidade ilegítima gerada por um problema emocional/psicológico ou de caráter espiritual egoísta.

Segundo o Espiritismo, se observarmos desde o micro até o macro, todos os sistemas são organizados de maneira que a existência de tudo encontra-se intimamente ligada e organizada em subsistemas. Assim, “A economia é um subsistema dentro do sistema sociedade. A economia poderia deixar de existir e a sociedade poderia continuar.” (VILLARRAGA, 2001, p. 146, e 2013 p. 39). Seguindo essa lógica, o autor diz que a sociedade é um subsistema dentro da natureza e que conseqüentemente pode deixar de existir sem prejuízo para as demais espécies e o planeta. Exemplifica da seguinte maneira:

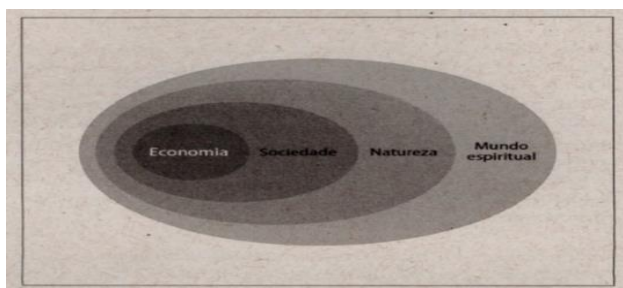


Figura 2 – Sistemas (VILLARRAGA, 2013, p. 40).

Todo o discurso de Villarraga (2004) se resume a demonstrar a interdependência de todas as coisas e o impacto mútuo delas na evolução planetária. Para o autor o estado de interdependência dos problemas pode ser representado da seguinte maneira:

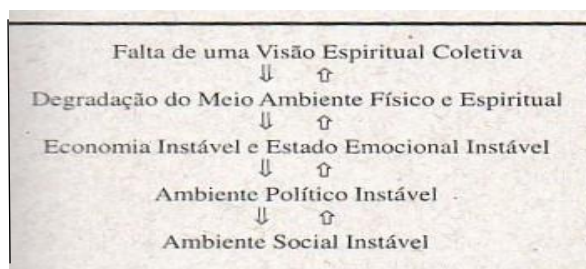


Figura 3 – Interdependência (VILLARRAGA, 2004, p. 11)

O ser humano como agente dos problemas existentes no planeta Terra, tem como dever, ele mesmo, ser o agente da solução. Mudar sua postura e modo de vida, deixar de lado o modelo atual para gerir e consumir, segundo aquilo que seria o necessário para seu reequilíbrio nas questões de saúde física e mental, bem como para o reequilíbrio ambiental.

Para Villarraga (2004) é necessário que medidas globais sejam implementadas pelas nações de maneira colaborativa para desacelerar a degradação do planeta, ou a espécie humana será verdadeiramente ameaçada. O plano global, de acordo com ele, deve privilegiar medidas de desenvolvimento sustentável da humanidade. É taxativo ao dizer que só se conseguirá esse objetivo quando tornarmos maioria o número de pessoas com acesso ao conhecimento esclarecedor e que expliquem as verdadeiras causas dos problemas ambientais, sociais e espirituais. Implica dizer que o conhecimento de apenas uma das três áreas, não será o suficiente para atingir o objetivo.

É partindo dessa explicação que o discurso ambientalista espírita reafirma a ideia de que a interdependência permite ao ser humano interagir com os diferentes ambientes e Villarraga (2004, p.23) os apresenta em quatro grupos de acordo com a figura a seguir:

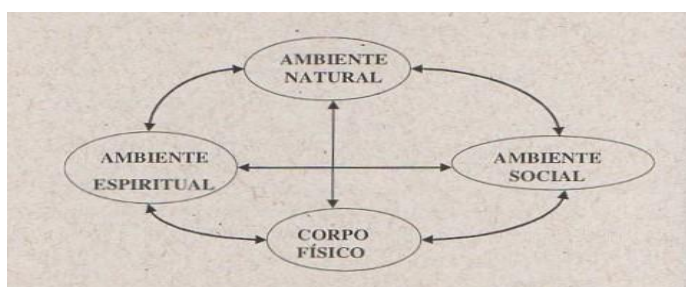


Figura 4 – ambientes de interação humana (VILLARRAGA, 2004, p.22)

Repousado nas ideias de reencarnação e evolução, se ergue o ambientalismo espírita, uma vez que para o Espiritismo todos somos responsáveis por nossas ações e que essas ações interferem diretamente na Lei de ação e reação que cria o ciclo reencarnatório. Assim, na visão do autor, não fazer nada a respeito da crise ambiental é deixar de fazer um bem que poderia ser feito e assumir as consequências dessa não ação como sofrimento para esta ou para a vida futura. Indica que a saída para que possamos superar os problemas relacionado às necessidades humanas, passa por uma

mudança de visão, na qual devemos nos reconhecer como parte da natureza criada por Deus.

Ele destaca no grupo dos impactos ao ambiente social, especialmente o aumento da população, relaciona esse aumento ao aumento do consumo, uma vez que nosso estilo de vida atual incentiva o consumismo exacerbado. Assim, quanto maior a população, maior será o consumo e, conseqüentemente, maiores serão os impactos ao ambiente natural e também social. Aponta como solução particular e coletiva a educação sexual e o planejamento familiar.

Trigueiro (2010) faz uma reflexão para explicar a ausência da postura espírita frente ao meio ambiente até aquele momento. Conclui que algumas premissas espíritas que se transformaram em bordões daqueles que querem expressar em poucas palavras as suas convicções de acordo com os preceitos espíritas através de frases curtas como: “Essas frases alimentam a nossa fé pelas ideias que encerram nelas. *O acaso não existe [...], A verdadeira vida é a vida espiritual. [...], Estou aqui de passagem.* (TRIGUEIRO, 2010, p. 11, 12, 13 destaques do autor). Estão equivocadas e representam bem, parte do comportamento dos adeptos do Espiritismo que revelariam uma certa dose de comodismo e desprezo pela vida no planeta como um todo.

Trigueiro (2010) afirma que isso é um equívoco de interpretação, pois, sendo o Espiritismo uma filosofia reencarnacionista e evolucionista, pensar apenas na vida espiritual e deixar de lado nossas obrigações e responsabilidades para com a vida no planeta é um fardo que atrasa a evolução espiritual. Esclarece que os que aqui estão encarnados podem vir a reencarnar neste mesmo planeta numa vida futura. O autor oferece orientações para as casas espíritas direcionarem seus trabalhos a fim de desfazer esse marasmo ecológico e colaborar para uma sociedade mais sustentável.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As transformações pelas quais a humanidade passou modificaram não apenas as relações sociais entre os povos, mas também o estilo de vida da humanidade e a sua relação com a natureza, especialmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos. As ações humanas impactaram o meio ambiente de maneira mais acelerada e destrutiva, principalmente com o advento da industrialização pelo mundo que levou à

escolha de um modelo econômico baseado no consumo. O aumento da produção levou à necessidade de um aumento do consumo de tudo o que se produz, criando assim uma sociedade de consumo baseada no capitalismo e a exploração máxima e predatória dos recursos naturais.

Entre os mais variados discursos sobre os problemas ambientais estão os discursos religiosos que, à sua maneira, buscam responder a um problema de demanda global e de alguma maneira colaborar para a mitigação desses problemas. Assim surgem os discursos ambientalistas religiosos. Para as religiões, a modificação necessária é moral e espiritual, na qual o ser humano deve compreender o seu papel como filho de Deus e responsável pela vida no planeta.

O Espiritismo, como religião, não poderia permanecer em silêncio diante de uma temática tão importante. O discurso ambientalista espírita pauta-se em sua visão evolucionista através do princípio da reencarnação. Se organizou com o objetivo de sensibilizar os líderes religiosos espíritas e seus adeptos a respeito da importância desse tema e com a finalidade de se inserir no debate que é de interesse mundial. Esta organicidade do discurso é realizada dentro dos textos de maneira a reafirmar a base tríplice do Espiritismo, uma vez que a raiz espírita procura firmar-se nessas três vertentes humanas: a filosófica, a científica e a religiosa.

Inserir na cosmovisão espírita as práticas ligadas à sustentabilidade e orientar as casas espíritas naquilo que é possível realizar, como podem inserir estas práticas nos três núcleos: núcleo familiar, núcleo religioso espírita e ao núcleo social como um todo. Objetiva, através da prática, exemplificar aquilo que é possível ser realizado de maneira efetiva.

Por fim, resta para o futuro, verificar como e o quanto o discurso ambientalista espírita, desenvolvido ao longo dessas duas décadas, foi colocado em prática pelas casas espíritas e o quanto isso foi ou não significativo para a comunidade local, na qual estão inseridas e os possíveis impactos positivos que seriam reflexo dessa mudança de postura do Espiritismo frente aos problemas ecológicos que o mundo enfrenta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Raul de Polillo, 2ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

CMMAD/ONU. **Nosso futuro comum**. 2ª ed Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DRUMMOND, José Augusto. A primazia dos cientistas naturais na construção da agenda ambiental contemporânea. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 27, nº. 62, p. 5 – 25, out. 2006.

GIACOMINI FILHO, Gino. Consumismo e meio ambiente: discursos e conexões no campo religioso. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 38, 52-74, jan./jun. 2010.

MAÇANEIRO, Marcial. **Religiões & Ecologia**: cosmovisão, valores e tarefas. São Paulo: Paulinas, 2011.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, São Paulo: v. 24, nº 68, maio, 2010.

SANTOS, Renan William dos. **A salvação agora é verde**: Ambientalismo e sua apropriação religiosa pela Igreja Católica. p. 172, 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVEIRA, João Paulo. Religião e Natureza na contemporaneidade: uma introdução às ecoespiritualidades, **Caminhos**, Goiânia, v. 17, nº 1, p. 211 – 224, jan./jun. 2019

TRIGUEIRO, André. **Espiritismo e ecologia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

VILLARRAGA, Carlos Orlando. **Espiritismo & desenvolvimento Sustentável**: caminhos para a sustentabilidade. Brasília: FEB, 2013.

VILLARRAGA, Carlos Orlando. **Planeta Vida**: Contribuição da Doutrina Espírita à conservação do meio ambiente físico e espiritual do Planeta Terra. 2ª ed. Araguari: Minas Editora, 2004.